



DESENVOLVA AS
INTELIGÊNCIAS
DO **SEU FILHO**





ÍNDICE

Prefácio	11
Introdução	17
1 Jogar e brincar	25
2 Inteligência	31
3 Inteligências múltiplas	39
4 Como posso saber quais são as inteligências do meu filho?	43
4.1 A inteligência linguística	46
Actividades	48
4.2 A inteligência lógico-matemática	65
Actividades	67
4.3 A inteligência visuoespacial	84
Actividades	86
4.4 A inteligência corporal cinestésica	93
Actividades	95
4.5 A inteligência musical	109
Actividades	113
4.6 A inteligência intrapessoal	121
Actividades	127
4.7 A inteligência interpessoal	150
Actividades	153
4.8 A inteligência naturalista	163
Actividades	165





5	Atenção, concentração e memória.....	171
	Actividades	180
6	Os sentidos e a aprendizagem	191
	6.1 Criatividade.....	199
	Actividades	204
	6.2 Felicidade.....	216
	Actividades	225
7	Desenvolver talento	235
8	Erro e encorajamento	243
9	Motivação: limitadora ou encorajadora	249
10	Menos esforço mais resultado.....	257
	Posfácio	265
	Soluções	267
	Bibliografia	269
	Agradecimentos	271





PREFÁCIO

OS DESMANGHA-PAZERES

EDUARDO SÁ

1.

Tenho muitos dias em que me pergunto para que serve a escola aos olhos das crianças. É claro que, a par de a compreenderem preciosa e estimável, sinto, com tristeza, que nem sempre a escola as ensina a viver, como todos gostaríamos muito que ela o fizesse. E talvez não ajude tanto a aprender a aprender, como desejaríamos. É verdade, também, que não ousou reivindicar uma «fórmula» com a qual a escola se revolucione, de forma serena, e ligue aquilo que as crianças vêem, sentem, imaginam, intuem e escutam. Mas eu gostava muito que a escola fosse assim! Do que gostava, efectivamente, era que as crianças encontrassem ali «as lendas» com que a vida «que apanham» ganhasse em clareza e em simplicidade. E que, desse modo, ela se tornasse mais compreensível, mais fácil e mais bonita. Até porque, para muitas crianças, a escola parece ser, unicamente, uma espécie de moratória pela qual se tem de passar para se ser crescido (o que não é bem a mesma coisa que «para se crescer»), onde nem sempre o que se aprende parece útil e amigável diante de tudo o que já se sabia. Porque a escola não escuta; talvez compartimente de mais a aprendizagem. E, sendo assim, vá transformando os conhecimentos em vizinhos que mal se cumprimentam.

Se a escola se adequasse à vida, tal como as crianças a vivem todos os dias, ela colocaria mais problemas. Se a escola obrigasse a que se conversasse quando se pensa, enquanto resolvem problemas, talvez ensinasse a admirar e a descobrir, em vez de fazer com que as crianças, pouco depois de nela entrarem, deixassem adormecer todos os seus «porquês». Mas a escola parece ser um bocadinho egocêntrica; parece gostar de se fazer





difícil. Na realidade, se ela pusesse problemas difíceis sobre aquilo que se afigura (igualmente) difícil na vida diária de todas as crianças, enquanto as desafia para o desconhecido (de forma simples), com certeza que faria com que passassem a querer fugir para a escola.

2.

Ao contrário daquilo que é o desejo dos pais (e, na verdade, ao contrário de todos os seus mais empenhados esforços), a vida das crianças é difícil. A vida de todas as crianças é, realmente, muito difícil! E isso não é trágico nem é mau. Eu sei que ainda reagimos muito «à pele» quando isso se diz, como se a fome e a pobreza já não parecessem ser factores que impeçam uma vida fácil para todas as crianças. Mas não é verdade. Entre aquilo que intuem e tudo o que compreendem — à sua volta, na relação com os pais e diante dos problemas que a vida lhes põe e elas lhe colocam —, há uma imensa penumbra que faz com que as crianças sintam, realmente, que a vida delas não é de «algodão-doce». É por isso mesmo que elas se sentem muito pequeninas. Como é que podemos ajudar as crianças a tornarem a vida mais simples e mais simpática? Ensinando-as a pensar, a conviver, a falar e a resolver problemas.

Porque é que as crianças, apesar das suas dores, aprendem mais facilmente aquilo que tenha, aos seus olhos, uma dimensão de utilidade? Porque desse modo a sua vida fica realmente mais simples. E só assim se torna fácil, isto é, do simples chega-se ao fácil. Todavia, não é por se tornar a vida fácil que se conquista o simples. Por outras palavras, ao contrário daquilo que os pais imaginam, não é por se tornar a vida dos filhos mais fácil que se chega mais depressa ao mais simples e nem por se mandar mais do que se deve... Aliás, as crianças vão tendo a ilusão de «mandarem no mundo» por mais que não o percebam e interfiram de menos com ele todos os dias. O que ganham elas com isso? Nada. Melhor dizendo, dando-lhes o fácil e deixando-as mandar para além do razoável, os pais acabam por complicar tudo mais um bocadinho, porque não permitem que as crianças aprendam a ser humildes: aprendendo a perder, aprendendo a suportar algumas dores e a reagir a elas, aprendendo a não desistir à primeira contrariedade, aprendendo a esperar, aprendendo a tecer os sonhos pelos quais se aprende a lutar e aprendendo a trabalhar. Nada dá mais trabalho do que o simples! Nada exige mais do que aceder ao complexo, tornando-o simples ao mesmo tempo.





3

INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

«Não há, não, duas folhas iguais em toda a criação.
Ou nervura a menos, ou célula a mais,
Não há, de certeza, duas folhas iguais.»

ANTÓNIO GEDEÃO

Howard Gardner, professor de Psicologia do Desenvolvimento da Universidade de Harvard, não partilhava da crença da existência de uma inteligência genérica que fosse medida objectivamente através de testes e indicadores quantificáveis. Em 1979, foi convidado a integrar uma equipa de investigação de Harvard que se dedicou a estudar o potencial humano. Em oposição à tradicional teoria do QI (quociente de inteligência) de Alfred Binet, e partindo do princípio de que esta era uma forma muito limitada de conceber a inteligência (que se baseava apenas no raciocínio lógico), Gardner propõe, no seu livro de 1983 *Frames of Mind* («Estruturas da Mente»), uma visão que veio transformar profundamente o conceito de inteligência.

De acordo com a sua teoria das inteligências múltiplas, cada um de nós possui uma vasta gama de potencialidades que podem ser agrupadas em sete inteligências. São elas: a inteligência linguística, a inteligência lógico-matemática, a inteligência visuoespacial, a inteligência corporal cinestésica, a inteligência musical, a inteligência intrapessoal e a inteligência interpessoal. Uma oitava inteligência foi mais tarde acrescentada ao leque inicial: a inteligência naturalista. Mantém-se em aberto a possibilidade de integrar ainda a inteligência existencial e, mais recentemente, investiga-se sobre a possibilidade da inteligência pedagógica.

Nos trabalhos que desenvolveu, Howard Gardner não pretendia criar instrumentos que previssem o sucesso ou insucesso dos alunos. O que pretendia era compreender as capacidades humanas e desenvolver uma noção de cognição que apresentasse as múltiplas formas como os indivíduos podem desenvolver e revelar as competências que possuem. A questão





não é se a pessoa é mais ou menos inteligente, mas como é que a pessoa é inteligente. Para isso dedicou esforço a analisar indivíduos geniais que se destacavam em diferentes competências e que eram valorizados e apreciados na sua comunidade. Uma das questões que colocou foi: afinal quem seria mais inteligente? Einstein ou Pablo Picasso? Shakespeare ou Gandhi? Darwin ou Beethoven? Seriam alguns destes génios mais inteligentes que os outros ou estaríamos, na nossa cultura, a valorizar os desempenhos linguístico e lógico-matemático e a menosprezar os restantes?

Para Gardner, a inteligência é a capacidade de resolver problemas e de produzir algo que é valorizado num determinado ambiente ou comunidade cultural. Segundo a teoria das inteligências múltiplas, todos possuímos todas as inteligências e usamo-las em diferentes contextos. No entanto, cada um de nós tem o seu perfil próprio, de combinações únicas, e revelamos uma ou duas inteligências fortes e as restantes são naturalmente mais fracas. Apesar de podermos ter como base uma predisposição genética para um determinado tipo de inteligência, a estimulação, as experiências, as valorizações sociais são condicionantes para que estas se desenvolvam ou fiquem latentes.

A teoria das inteligências múltiplas preconiza que:

- Existem diferentes tipos de inteligência;
- A inteligência pode ser ensinada, treinada e desenvolvida;
- O desenvolvimento da inteligência depende de vários factores, como, por exemplo, as oportunidades, as experiências, as influências e a escola;
- Todas as pessoas podem aprender e desenvolver as suas inteligências, sendo as suas expectativas e a sua motivação factores fundamentais.

Quando Paula Rego pinta um quadro, Cristiano Ronaldo finta os adversários, Soares dos Santos faz negócios ou a pianista Maria João Pires dá um concerto, todos estão a demonstrar um tipo de inteligência acima da média. Segundo Gardner, todas estas actividades são manifestações de diferentes tipos de inteligência.

Howard Gardner estudou os cérebros de sobredotados e de pessoas comuns e avaliou os efeitos que produziam as lesões nas diversas partes do cérebro. Para além disso, estudou o perfil psicológico de vários génios em diferentes áreas, como Picasso ou Einstein. O professor da Universidade de Harvard confirma que, para resolver uma equação complicada,



não basta um óptimo raciocínio lógico-matemático, também intervêm os aspectos verbais e visuais. Assim como os cirurgiões, que, para além de saberem medicina, necessitam de uma excelente coordenação cinestésica e visuoespacial.

O quadro seguinte apresenta, de forma sucinta, a concretização do essencial da teoria, sem, de forma alguma, a esgotar.

INTELIGÊNCIA		MANIFESTAÇÃO DE ALTA INTELIGÊNCIA
Linguística	Inteligente com as palavras	É inteligente com as palavras, é bom em linguas, a escrever, a criar poesias e a contar histórias.
Lógico-Matemática	Inteligente com a lógica	Tem fortes habilidades para a resolução de problemas, para o pensamento indutivo e dedutivo, para trabalhar com símbolos e estabelecer padrões.
Visuo-espacial	Inteligente com imagens	Tem talento visual para desenhar, pintar e esculpir, para construir objectos, compreendendo como funcionam, montando-os e desmontando-os com facilidade.
Corporal Cinestésica	Inteligente com o corpo	Consegue utilizar a coordenação do seu corpo de forma eloquente para fazer desporto, jogar, dançar, actuar e mexer-se.
Musical	Inteligente com a música	Tem talento para reconhecer tons e ritmos e é sensível a sons vocais, instrumentais e ambientais.
Naturalista	Inteligente com a natureza	Tem uma consciência e sensibilidade bem desenvolvidas para o ambiente que o rodeia e consegue agir de forma eficaz entre as plantas, animais e no <i>habitat</i> .
Interpessoal	Inteligente com as pessoas	Sabe como dar-se bem com os outros, interpretar os seus estados de espírito e significados e prever o que farão.
Intrapessoal	Inteligente consigo mesmo	É capaz de ter um profundo autoconhecimento, metacognição e reflexão interior.





4

COMO POSSO SABER QUAIS SÃO AS INTELIGÊNCIAS DO MEU FILHO?

As pesquisas de Gardner vieram revolucionar a forma como tradicionalmente se analisam as capacidades de cada um. Os avanços recentes da imagiologia médica vieram confirmar que as pessoas activam diferentes zonas do cérebro, mesmo quando estão a desempenhar a mesma tarefa. Todos temos em nós todas as inteligências. Naturalmente, umas manifestam-se mais desenvolvidas do que outras. O autor refere que as várias inteligências são influenciadas pelo património genético e pela educação, e podem ser melhoradas com técnicas simples. Mas como as aferir? Brandon Shearer, um dos discípulos de Gardner e investigador da Kent State University, nos Estados Unidos, desenvolveu os testes MIDAS (*multiple intelligences developmental assessment scales*), que nos permitem ter uma noção do perfil de inteligências de cada indivíduo. Contudo, Howard Gardner não construiu, até hoje, nenhum teste capaz de avaliar de modo completo as inteligências múltiplas, por acreditar que a forma mais válida de o fazermos adequadamente está ao alcance de todos nós: a observação.

Ninguém melhor do que nós, pais, conhece as preferências, os interesses e as motivações dos nossos filhos. O que fazem eles quando ninguém lhes pede que façam alguma coisa? A que gostam de brincar? Como se divertem? Como preferem ocupar o tempo? Que actividades escolhem? O que adoram fazer? Do que falam?

O quadro seguinte poderá dar uma ajuda a identificar onde mais se encaixa o seu filho. Vão existir aspectos em que o irá encaixar em praticamente todas elas, mas uns serão mais representativos do que outros.



INTELIGÊNCIAS GOSTAM MUITO DE... APRENDEM MELHOR QUANDO...

Linguística	Conversar, ouvir histórias, ler, escrever.	Ouvem explicações, lêem textos, resumos, livros ou artigos. Fazem jogos de palavras, apresentam oralmente os assuntos ou respondem por escrito às questões colocadas. Dinamizam debates, recriam textos, fazem jogos verbais.
Lógico-matemática	Fazer experiências, resolver problemas, colocar questões, saber mais sobre assuntos científicos. Contar e calcular.	Experimentam várias formas diferentes de resolver o mesmo problema e pensam sobre isso. Lêem gráficos, diagramas, tabelas.
Visuoespacial	Desenhar, fazer rabiscos, pintar, colorir. Construir puzzles, legos. Adoram ilustração e fotografia.	Observam imagens, mapas, representações espaciais ou filmes. Utilizam cores, formas e símbolos. Desenham labirintos e esquemas.
Corporal Cinestésica	Dançar, saltar, fazer actividade física, experimentar as coisas na prática, construindo, mexendo e manipulando. Gostam de teatro.	Utilizam o corpo ou partes dele para aprender. Precisam de ter espaço para se movimentarem e algo em que possam segurar fisicamente para concentrarem a sua atenção. Fazem dramatizações.
Musical	Cantar, ouvir música, experimentar instrumentos musicais ou sonoridades diferentes.	Cantam lengalengas ou canções, tocam instrumentos ou produzem ritmos, sons e melodias. Criam mnemónicas.
Intrapessoal	Estar sozinhos, explorar as suas capacidades, desafiar-se a si próprios. Criar esconderijos ou ter colecções ou diários pessoais.	Podem estar sozinhos, definem metas para si. Têm necessidade de tempo a sós para resolverem as suas questões. Gostam de definir objectivos e persegui-los no seu tempo e ritmo pessoal. Trabalham individualmente, autoavaliam-se.

(continua)